


Últimas de Economia

 globo.globo.com/economia/desigualdade-tem-alta-similar-dos-anos-1980-23030153



por Glauce Cavalcanti

01/09/2018 7:51

PUBLICIDADE

RIO - A desigualdade de renda no Brasil sobe há 11 trimestres consecutivos, numa sequência longa de alta não registrada desde os anos 1980, considerados como a década perdida. Entre o fim de 2014 e junho deste ano, o Índice de Gini — que, quanto mais próximo de um, mostra que a renda é mais concentrada — saltou de 0,5636 para 0,5915. Apenas entre 1986 e 1988 houve um período tão longo e contínuo de piora na desigualdade. O aumento da disparidade de renda é efeito da crise e, principalmente, do desemprego, segundo dados compilados por Marcelo Neri, diretor da FGV Social.

SAIBA MAIS: [Chefes de família perdem emprego, e diferença entre gêneros diminui](#)

LEIA TAMBÉM: [Para especialistas, mercado de trabalho e crescimento econômico caminham juntos](#)

VEJA AINDA: [Se mulheres e homens ganhassem salários iguais, PIB mundial seria 26% maior, diz OIT](#)

- É importante entender que a demora para reativar a economia não está ligada apenas à restrição fiscal trazida pela recessão. Do início da crise para cá, houve alta da desigualdade, o que impacta o bem-estar da população, aumenta a pobreza e atrasa a recuperação econômica do país - argumentou ele.

LEIA MAIS:

[Igualdade salarial entre homem e mulher caminha a passos lentos](#)

[Wall Street adota cláusula 'antiassédio' em grandes negócios](#)

[Assédio no trabalho dificulta ascensão de mulheres nas empresas](#)

DESEMPREGO AFETA RENDA

Um pilar desse obstáculo à recuperação da economia, continua Neri, está no aumento do número de pobres, que avançou 33% desde 2014. Em quatro anos, mais 6,27 milhões de brasileiros cruzaram a linha da pobreza, como antecipou o colunista do GLOBO Ancelmo Gois. Ou seja, vivem com menos de R\$ 233 por mês, de acordo com o dado deste mês da FGV Social. No total, são 23,3 milhões de pessoas nessa condição, o equivalente a 11,18% da população.

- No início da crise, houve estagflação, que é quando ocorre aumento do desemprego e também da inflação. No auge da recessão, em 2016, a inflação explicava 70% da queda da renda do trabalho no país. Nos últimos três anos, o desemprego é o grande causador da queda de renda - destacou Neri.

PUBLICIDADE

LEIA MAIS: Mulheres ainda ganham 15% menos do que os homens no mercado formal

VEJA AINDA: Só quatro de 79 estatais são presididas por mulheres, mostra levantamento

SAIBA TAMBÉM: Conheça as 20 profissões mais comuns entre as mulheres

Com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, ele mostra que a renda domiciliar per capita do trabalho chegou a um pico de R\$ 979,81 no fim de 2014, com avanço de R\$ 70 em quatro anos. A partir daí, cai até chegar a R\$ 908,84, no terceiro trimestre de 2016, voltando ao patamar de 2012. De lá para cá, recuperou R\$ 30, chegando a R\$ 938,09 em junho último.

O movimento de retração na renda, ainda que já apresente alguma recuperação desde 2017, foi acompanhado do aumento na desigualdade. A combinação desses dois fatores é utilizada para compor o índice de bem-estar, calculado pela FGV Social.

- O bem-estar geral no Brasil caiu 10,6% desde 2014, com o indicador voltando a 383, patamar similar ao de 2012, quando ficou em 380. Isso quer dizer que, em bem-estar social, não se pode falar em recuperação. O avanço conquistado até 2014, quando o indicador chegou a 428, foi neutralizado depois — afirmou ele.

Neri chama a atenção para a importância de o governo focar em políticas públicas que colaborem para a redução da pobreza e da desigualdade, não só por uma questão de justiça social, mas como forma de estimular a economia:

PUBLICIDADE

— A população mais pobre gasta sua renda em consumo, isso aumenta a demanda e faz a economia girar. Um aumento no Bolsa Família, como está sendo feito este ano, tem impacto relevante. Cada R\$ 1 do programa pode elevar o PIB em R\$ 1,78. No caso dos recursos liberados em saques do PIS/Pasep, esse multiplicador é de R\$ 1,06. Já o das contas inativas do FGTS, como foi feito ano passado, de apenas R\$ 0,39.

A longa trajetória de aumento da desigualdade não acontece desde o fim dos anos 1980, explica ele, após o revés do Plano Cruzado, quando houve inflação e desigualdade em taxas recordes:

- A piora na performance social do Brasil explica o mau desempenho econômico. Há três grandes desafios para atuar nesse segmento, a inflação, que parece estar vencida, o desemprego e a questão do ajuste fiscal, que reduz a capacidade do governo de implementar políticas públicas e programas específicos.

PUBLICIDADE

Anterior **País precisa crescer no mínimo 2% ao ano para recuperar empregos**

Próxima **Chefes de família perdem emprego, e diferença entre gêneros diminui**

Newsletter

As principais notícias do dia no seu e-mail.

Já recebe a newsletter diária? [Veja mais opções.](#)